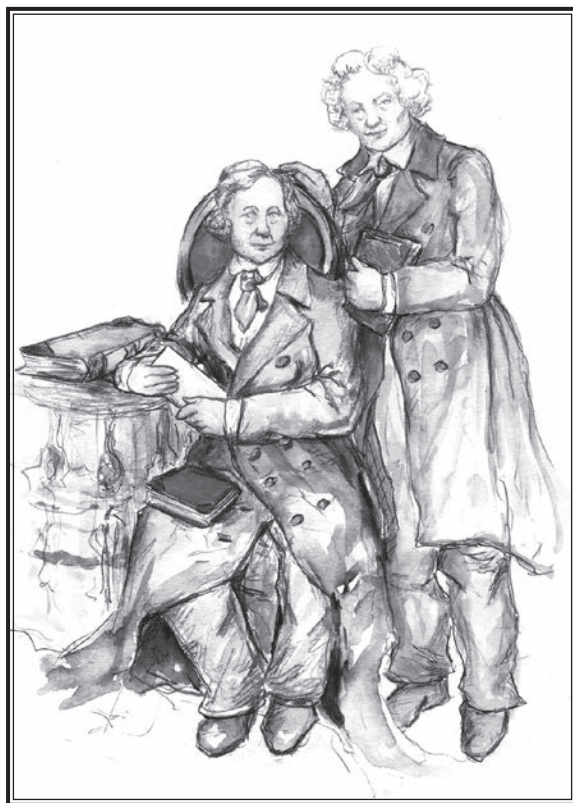


CONTOS DE FADAS DOS
IRMÃOS GRIMM

TRADUZIDOS DO ALEMÃO



Ilustrações:
Otto Ubbelohde

Tradução, prefácio e notas de tradução:
Vera Barkow





Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Grimm, Jacob, 1785-1863
Contos de fadas dos irmãos Grimm / Irmãos Grimm ; ilustrações de Otto Ubbelohde ; tradução, prefácio e notas de tradução Vera Barkow – São Paulo : Paulinas, 2021.
568 p. : il. (Contos da fonte)

ISBN 978-65-5808-074-9

1. Literatura infantojuvenil alemã 2. Contos de fadas I. Título II. Grimm, Wilhelm, 1786-1859 III. Ubbelohde, Otto IV. Barkow, Vera

21-2326

CDD 028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil alemã 028.5

Título Original da Obra: Grimms Märchen

1ª edição – 2021

Direção-geral: *Flávia Reginatto*
Editora responsável: *Andréia Schweitzer*
Tradução: *Vera Barkow*
Copidesque: *Cirano Dias Pelin*
Coordenação de revisão: *Marina Mendonça*
Revisão: *Equipe Paulinas*
Gerente de produção: *Felício Calegato Neto*
Projeto gráfico: *Manuel Rebelato Miramontes*
Ilustração de capa: *Anasor ed Searom*
Capa: *Tiago Filu*
Diagramação: *Jéssica Diniz Souza*

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora. Direitos reservados.

Paulinas

Rua Dona Inácia Uchoa, 62
04110-020 – São Paulo – SP (Brasil)
Tel.: (11) 2125-3500
<http://www.paulinas.com.br> – editora@paulinas.com.br
Telemarketing e SAC: 0800-7010081

© Pia Sociedade Filhas de São Paulo – São Paulo, 2021





Prefácio da tradutora

Vera Barkow



Nunca esqueci a voz da minha mãe dizendo a palavra *Märchen* (conto de fadas) quando, à noite, reunidas em volta da mesa da cozinha, todas as filhas sentiam o sopro suave de seus lábios e de sua alma, que vinha com a respiração, e ela colhia histórias de um livro de capa vermelha, de páginas amareladas, cheias de dobras, que o tempo aos poucos gastava, mas que despertavam sempre a nossa imaginação. Era um livro simples, que sobrevivera junto a algumas coisas à sua fuga da Silésia (que atualmente faz parte da Polônia), ao final da Segunda Guerra Mundial.

Foi com esse livro que aprendi a ler, pois eu queria entender como era possível que aquele emaranhado preto no papel branco amarelado – que minha mãe chamava de letras – podia expressar histórias tão fantásticas, assustadoras, tristes, imagens de lugares estranhos, exóticos, como se aqueles sinais pretos fossem sagrados, secretos, que continham a felicidade e o perigo, fossem o “Abre-te, Sésamo” para o mundo e o universo, como eu acreditava então, e ainda acredito. E a voz de minha mãe – e, por vezes, de meu pai – conjurava as bruxas e as fadas, os fantasmas e os duendes; todos aqueles animais inteligentes e falantes que eu queria que fossem meus amigos; os seres encantados; os sábios e os órfãos; camponeses, alfaiates, gente comum e reis e rainhas; príncipes e princesas; uns bons e outros maus; as belas e as feras; convidava a todos para sentarem-se à nossa mesa, para serem testemunhas de nosso medo e pavor, de nosso sonhar e imaginar, de nossas lágrimas de tristeza ou

de nossos risos. “Hoje à noite eu lhes prometo um conto de fadas, que deverá lembrá-los de tudo e de nada”, escreveu Goethe,¹ ao redigir o seu *Märchen*, expressando o que uma criança havia sentido.

Esse livro de capa vermelha era um volume dos *Kinder- und Hausmärchen der Gebrüder Grimm* [Contos infantis e domésticos dos Irmãos Grimm], provavelmente publicado no final do século XIX ou início do século XX, pois a impressão era em letras góticas; impressão essa que tornava o aprendizado e a leitura ainda mais excitantes, pois eu tinha de descobrir o que aquelas “runas” exprimiam. Esse fato dava à leitura um significado bem maior, levando-me a descobrir as palavras através das letras, a compreender o que o conjunto das palavras expressava e, por fim, dar a tudo uma imagem, dar vida a letras, a palavras que se desprendiam da folha branca amarelada e me transportavam para o mundo dos contos de fadas.

E que mundo esses dois irmãos nos revelavam ou, melhor dizendo, permitiam que nós descobríssemos a cada história por conta própria, ouvindo na voz da mãe ou do pai ou, mais tarde, já letradas, lendo e vendo, com os olhos físicos e os da imaginação, tão férteis em uma criança!

É às belas frases daqueles contos em torno da mesa, ou tarde da noite, escondida embaixo do cobertor, lendo com uma lanterna – pois a mãe nos mandava dormir, e eu tinha de terminar de ler pelo menos aquele parágrafo, tinha de saber o que iria acontecer –, que eu devo mais formação, mais caráter, mais decisão, mais resistência contra as épocas devoradoras de homens do que a vários exercícios na escola, decorados, feitos e esquecidos.

“Maravilhoso”, “encantado”, “mágico”: o mundo dos Märchen

Mas por que o nome “conto de fadas”? A etimologia nos ensina que a palavra *fada* vem do latim *fata*, plural de *fatum* (“destino”, “fatalidade”, “fado”² etc.), um ser mitológico característico dos mitos célticos,

¹ GOETHE, Johann Wolfgang von. Das Märchen. In: *Werke*. In sechs Bänden, Zweiter Band. Frankfurt/Main: Insel Verlag, 1965.

² CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

anglo-saxões, germânicos e nórdicos. Todavia, ao recolherem e transcreverem as histórias contadas às crianças e aos adultos (também chamados de *Feenmärchen* [contos de fadas] antes da publicação de seu livro *Kinder- und Hausmärchen*), os Irmãos Jacob e Wilhelm Grimm moldaram a palavra *Märchen*, a qual, na realidade, não possui uma tradução fiel para outro idioma, devido, talvez, à sua origem dentro da própria língua alemã. Quando falamos, atualmente, em *Märchen*, referimo-nos a uma história “maravilhosa”, “encantada”, “mágica”, irreal e apenas imaginada, e o próprio nome nos conduz a outro mundo dentro de nossa realidade. Quando hoje dizemos “ein märchenhafter Wald” [“uma floresta ou um bosque encantado”], sabemos de imediato que estamos nos referindo a uma floresta que, embora exista em nossa realidade, poderia estar habitada por fadas, duendes, bruxas, animais falantes e pensantes, uma vez que essa floresta real corresponde àquela que existe em nossa imaginação e nos *Märchen*.

Alguns autores, como Vladimir Propp³ e Luís da Câmara Cascudo,⁴ fazem, respectivamente, uso dos termos “conto maravilhoso” (ou “conto de magia”) e “conto de encantamento” para “conto de fadas”, pois entendem que as histórias não giram apenas em torno de fadas. Mas sempre ouvimos falar de “contos de fadas”, expressão esta que se cristalizou, nos é mais familiar e por tal razão manteremos aqui.

A palavra *Märchen*, atestada desde o século XV na língua alemã, é um diminutivo do alto-alemão médio *mären* (“anunciar”, “revelar”), proveniente da raiz indo-europeia “me-, mo”, com o sentido de “grande”, “vistoso”. Do substantivo *Maere*, de uso comum também na linguagem oral até o século XV adentro, significando “notícia, nova, narrativa”, formou-se, por fim, a forma diminutiva *Märlein* e, em seguida, a expressão *Märchen*, também considerada, até meados do século XIX, como “narrativa inventada”, “rumor”.⁵ (A canção de Natal *Vom Himmel hoch, da komm’ ich her* [Do alto do céu eu venho], composta provavelmente em 1534 [ou 1535] por Martinho Lutero, usa a palavra *Mär* no sentido de boa-nova do nascimento de Jesus, cantada até os dias de hoje ao pé da

³ PROPP, V. I. *Morphologie des Märchen*. Frankfurt/Main: Suhrkamp, 1975.

⁴ CÂMARA CASCUDO, Luís da. *Dicionário do folclore brasileiro*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro/MEC, 1962. 2v.

⁵ DUDEN. *Etymologie. Herkunftswörterbuch der deutschen Sprache*. Mannheim: Bibliographisches Institut/Dudenverlag, 1967. Bd. 7, p. 440.

árvore de Natal ou junto ao presépio nos lares de procedência alemã.) Atualmente, o *Märchen* ocidental é tido como “narrativa (sem ligação a pessoas históricas ou a determinados lugares), composição literária fantástica e história inventada”.⁶ Nesta última definição encontra-se inconfundivelmente a renúncia a qualquer teor de verdade e realidade, o que se reflete também na expressão idiomática alemã “erzähl’ mir doch keine Märchen” [“não me conte contos de fadas”], que significa, igualmente, “não acredito em nenhuma palavra do que você diz”. Uma colocação aparentemente similar, segundo Propp, é mostrada pelo narrador no conto de fadas russo com sua frase final “o conto terminou, não se pode continuar mentindo”.⁷

Línguas indo-europeias e desenvolvimento cultural

Mas retornemos um pouco às origens do conteúdo dos contos de fadas. Em meados do século XV verificou-se pela primeira vez um parentesco básico entre uma série de línguas europeias e asiáticas – como as línguas germânicas, gregas e itálicas, por um lado, e o persa, de outro. Esses estudos mostraram, no decorrer do século seguinte, a evidência gramatical para o parentesco do sânscrito com as línguas indo-europeias. Com os estudos filológicos comparativos do sânscrito na Europa do século XIX, constatou-se um contínuo linguístico que se alastrava desde os povos da Índia à Irlanda, no qual bem poucas línguas não indo-europeias – por exemplo, finlandês e húngaro, entre outras – não estão integradas. Para a pesquisa da narração, tornou-se extremamente influente o modelo linguístico segundo o qual o sânscrito era considerado a origem de todas as línguas indo-germânicas respectivamente indo-europeias. Nessa imensa família linguística foram igual e inevitavelmente entrelaçadas suas mitologias e culturas a suas estruturas mentais. Acreditava-se, então, ser possível emprestar aos povos indo-europeus de pele clara o papel principal no desenvolvimento cultural, unindo-se logo os usos e costumes germânicos pagãos à herança cultural

⁶ Ibid.

⁷ PROPP, *Morphologie des Märchen*.

européia. Na época do Romantismo, dava-se atenção também a essas ideias na convicção de que a mitologia era criação popular.⁸

Os estudos comparativos dos contos de fadas mostram-nos que a origem propriamente dita dos contos de fadas encontra-se bem mais longínqua no tempo e no espaço, ou seja, no Oriente – pois chegou já bem antes dos tempos das Cruzadas ao Ocidente. Na Antiguidade (por exemplo, em Platão e Homero) e também na Idade Média, o conto de fadas não é um gênero em si, ele faz parte da poesia épica. Na saga germânica dos heróis, elementos de contos de fadas permitem que se conclua que tenha havido uma existência desses contos primitivos na zona linguística de fala alemã.

O pessimismo dos mitos versus o otimismo dos contos de fadas

Segundo Vladimir Propp,⁹ no conto de fadas pode-se reconhecer traços de ideias pagãs, de usos e costumes antigos, de maneira que nos ritos e mitos desses povos se encontram as raízes do “conto mágico” ou “conto maravilhoso”, o qual somente pôde nascer quando o rito, a imagem mais antiga, deixou de ser parte da ordem social. De acordo com Propp, os contos de fadas podem surgir espontaneamente, sem atalhos pelo mito, a partir da religião. No “conto maravilhoso” profano ele não vê um mito atrofiado, mas antes uma narrativa artística e fictícia da realidade. Contudo, considera “[...] que esta afirmação não pode ser realmente comprovada, ela pode ser mostrada com base em um vasto material”.¹⁰

Mircea Eliade¹¹ levanta algumas questões acerca desse assunto, dentre as quais está o contraste entre o pessimismo dos mitos e o otimismo dos contos de fadas, pois nestes últimos geralmente o desfecho é feliz, ao passo que na narrativa mítica o herói, na maioria das vezes, tem um fim trágico. Além disso, outro fator que os diferencia relativamente é o

⁸ BELLINGER, Gerhard J. *Knaurs Lexikon der Mythologie*. München: Droemer Knaur, 1989.

⁹ PROPP, *Morphologie des Märchen*.

¹⁰ PROPP, V. I. *Die historischen Wurzeln des Zaubermärchens*. München: Carl Hanser, 1987.

¹¹ ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

fato de nos contos de fadas ser mais improvável evidenciar a cultura na qual se originaram, o que não ocorre no caso dos mitos, sendo possível identificar no mito de Édipo, por exemplo, elementos da cultura grega.

A existência da hipótese de os contos de fadas serem mitos dessacralizados dá-se pelo fato de, segundo alguns autores, terem uma tradição oral, o que facilitou sua migração de uma região a outra. Portanto, estavam sujeitos a sofrer mutações, adaptando-se à cultura local, assim como a receber influências de ordem judaico-cristã. Mesmo assim, como diz Propp, alguns contos de fadas mantiveram suas raízes na cultura popular, preservando elementos inerentes às religiões ditas pagãs.

Ainda segundo Mircea Eliade, “[...] embora em quase todos os contos haja o final feliz, seu conteúdo propriamente dito refere-se a uma realidade terrivelmente séria: a iniciação, ou a passagem, através de uma morte ou ressurreição simbólicas da ignorância e da imaturidade para a idade espiritual do adulto”.¹²

O ritual iniciático, núcleo do conceito de contos de fadas

Em um estudo significativo realizado por Nelly Novaes Coelho¹³ sobre a etiologia dos contos de fadas, é interessante notar que ela faz uma distinção entre conto de fadas e conto maravilhoso. Segundo a autora, os contos de fadas, com ou sem fadas, desenvolvem seus argumentos dentro de uma magia ligada ao mundo das fadas (reis, rainhas, príncipes, fadas, bruxas, gigantes, tempo e espaço fora da realidade conhecida etc.) e têm como eixo gerador uma problemática existencial expressada através de provas e obstáculos que precisam ser vencidos, como um verdadeiro ritual iniciático, para que o herói alcance sua autorrealização existencial, seja pelo encontro de seu verdadeiro eu, seja pelo encontro com a princesa, que encarna o ideal a ser alcançado.

Nelly Novaes Coelho aponta-nos, ainda, que os contos de fadas são de origem celta, cujos vestígios mais remotos provêm de séculos antes de Cristo e, a partir da Idade Média, foram assimilados por textos de fontes europeias, ficando-nos praticamente impossível a tarefa de resgatá-los na

¹² Id. *Ewige Bilder und Sinnbilder*. Frankfurt/Main: Insel Verlag, 1986.

¹³ COELHO, Nelly Novaes. *O conto de fadas*. São Paulo: Ática, 1987.

sua forma “pura”, tal o amálgama de fontes que se fundiam nas narrativas recolhidas. Enquanto os contos de fadas foram engendrados pelos povos europeus e posteriormente disseminados pelos Irmãos Grimm – como “Rapunzel”, “A bela adormecida” etc. –, os contos maravilhosos têm sua provável origem nas narrativas orientais e, segundo a autora, enfatizam a parte material, ética e sensorial do ser humano – como, por exemplo, “O gato de botas”.

A volta às tradições nacionais alemãs na origem da obra dos Grimm

Os jovens Jacob (1785-1863) e Wilhelm (1786-1859) Grimm, estudantes de Direito, conhecedores das obras de Goethe e Schiller, familiarizaram-se com o Romantismo e o *Minnesang* (Trovadorismo alemão) através de um de seus professores, Friedrich Carl von Savigny, que abriu sua biblioteca particular a esses seus estudantes ávidos de saber. As ideias de Johann Gottfried Herder¹⁴ sobre a arte poética dos povos também influenciaram significativamente os dois irmãos.

Após o término de seus estudos, em 1806, vivendo de poucos recursos, os irmãos começaram a colaborar numa publicação de Achim von Arnim e Clemens Brentano, chamada *Des Knaben Wunderhorn* [A corneta mágica do menino],¹⁵ que versava sobre o folclore e o cancionero

¹⁴ Johann Gottfried Herder (1744-1803) foi um escritor, filósofo, teólogo e crítico literário alemão, cujas ideias e cujos textos contribuíram para o surgimento do Romantismo alemão. Segundo Herder, a arte literária (*Dichtung*), seja poesia, seja prosa, carrega os valores do espírito do povo (*Volksgeist*), valores esses revelados no espírito do autor individual. Dessa forma, os valores são relativos e cada cultura tem seu eixo gravitacional dentro dessa mesma cultura. O *Volksgeist*, conforme Herder, manifesta-se principalmente na língua, mas também na literatura, na história e no direito.

¹⁵ Achim von Arnim (1781-1831) e Clemens Brentano (1778-1842) foram os principais representantes da assim denominada corrente *Heidelberger Romantik* [“Romantismo de Heidelberg”]. Em uma viagem cultural pela Europa, Arnim encontrou-se em Frankfurt/Reno com Brentano, irmão de sua futura esposa, Bettina. Com ele viajou por toda a região do Reno. Arnim continuou sua viagem pela França e pela Inglaterra. Após seu retorno, em 1804, Arnim e Brentano desenvolveram os primeiros planos concretos para a publicação de uma coletânea de canções populares, em três volumes, publicada de 1805 a 1808 sob o título *Des Knaben Wunderhorn* [A corneta mágica do menino]. Foi em 1808 que publicaram os dois últimos volumes, já em Heidelberg, onde se encontravam também os Irmãos Grimm, como participantes do círculo de Heidelberg e colaboradores com a coleta das canções. É de interesse citar que Arnim e Brentano não concordavam sobre a reconstituição das obras coletadas: Brentano criticava demais a abordagem “poética” realizada por Arnim, que para ele ultrapassava em muito a simples reconstituição. Nesse debate em torno da *Naturpoesie* (estilo popular, natural e de inspiração divina)

popular alemães. Nessa época, insatisfeitos com o domínio de Napoleão Bonaparte sobre os estados alemães, os românticos da segunda geração promoveram um retorno às tradições “nacionais” e à “descoberta do povo”, entre eles Clemens Brentano e Achim von Arnim, entusiastas pelo estudo da Idade Média alemã, das sagas, canções e contos populares. Devido a seu trabalho, e incentivados por Arnim e Brentano, que lhes haviam chamado a atenção para a tradição da narrativa oral, os dois irmãos começaram a coletá-las. A ideia inicial previa um trabalho de coleta em toda a Alemanha, mas um conselho de Arnim fez com que os dois irmãos se limitassem a Hessen. Contudo, eles não se tornaram românticos por exaltar a “Idade Média gótica”: eram realistas que viam no passado distante as raízes para as condições de sua época. Assim, examinavam o desenvolvimento de textos em alemão (tanto lendas e documentos quanto obras literárias), colocando os fundamentos para um tratamento científico dessa área de trabalho. Não se restringiram a textos em língua alemã (seguindo o pensamento de Herder), mas estenderam suas pesquisas a fontes escandinavas, finlandesas, holandesas, espanholas e sérvias, já que o estudo de textos ingleses, escoceses e irlandeses era profuso na época. Os Irmãos Grimm, ao perceberem a necessidade do momento, deram, no início do século XIX, abertura à pesquisa do conto de fadas europeu. Eles acreditavam poder reconhecer fragmentos de mitologia indo-germânica primitiva nos contos.

Saído do ato de contar do povo, o conto de fadas popular não perdeu sua conexão com o modo de narrar do povo. Por essa razão, também é objeto do folclore. Em sua maneira de narrar é captado o mundo todo: tudo está em seu devido lugar. De forma simples e ingênua, o conto de fadas popular, coletado pelos Irmãos Grimm, é um domínio narrativo, fechado em si, do mundo.

De múltiplas versões a clássicos da literatura mundial

Em sua primeira edição a obra continha apenas oitenta e seis narrativas. Nas edições posteriores, acrescentaram-se outros contos e – o mais importante – foram feitas alterações de ordem estilística e de conteúdo.

e da *Kunstpoesie* (poética artística), principalmente entre seus editores, entrevistaram também os Irmãos Grimm: Jacob defendia uma poética “ingênua”, “verdadeira” e “necessária”; já Wilhelm era totalmente a favor da traduzibilidade e editabilidade – por exemplo, de mitos em idiomas estrangeiros.

Os contos populares não apenas foram traduzidos dos diferentes dialetos para o “alto-alemão” (*Hochdeutsch*), como também passaram por um processo de depuração moral, foram reescritos e retrabalhados, em maior ou menor escala – quando principalmente Wilhelm Grimm deu-lhes sua forma em expressão e adequação do vocabulário, aplicando um estilo mais suave às histórias, amenizando a violência e a crueldade. Uma das mais importantes fontes dos irmãos eram os contos de fadas que lhes contava Dorothea Viehmann, descendente de uma família de huguenotes. Eles frequentemente reelaboravam os contos populares tradicionais através da combinação de diversas versões, a fim de obter uma espécie de redação ideal. Somente depois dessa dupla tradução, por assim dizer, tornaram-se clássicos da literatura mundial.

O Romantismo e também a corrente literária e o estilo de vida Biedermeier, que começavam a surgir no início do século XIX (exaltando a harmonia, a crença e a tradição), com sua maneira ingênua, iam de encontro à personificação da natureza e das coisas dentro do conto de fadas.¹⁶ Com o estilo linguístico simplificado e o uso do diminutivo, os irmãos davam a esses contos uma forma “inofensiva”, com “finais felizes” como verdadeiro critério de definição. Hermann Broch, em sua obra *Dichten und Erkennen*,¹⁷ aponta que o uso do diminutivo na língua alemã (*Verniedlichung*), tanto na poesia quanto na prosa alemãs (portanto, também nos contos de fadas), tem a função de minimizar o significado de uma palavra, tornando-a mais “bonitinha”. Esse procedimento tem o intuito de transformar a palavra normal, sem tirar-lhe o sentido, e retira-lhe, na maioria das vezes, o medo do desconhecido que ela carrega, transfigurando-a, emprestando-lhe aspectos ingênuos, conhecidos, domésticos, familiares. Assim, por exemplo, encontraremos uso constante do diminutivo em substantivos – pelo acréscimo dos sufixos *-chen*, *-lein* ou *-le* – nos contos de fadas dos Irmãos Grimm, seja nos nomes dos personagens (“Rotkäppchen” [“Chapeuzinho Vermelho”], “Rumpelstilzchen” [de Rumpelstilz, nome do duende do conto “O anão saltador”], “Das tapfere Schneiderlein” [“O alfaiatezinho valente”], “Schneewittchen” [“Branquinha de Neve”], “Einäuglein, Zweiäuglein, Dreiäuglein” [“Um-Olhinho, Dois-Olhinhos, Três-Olhinhos”]); dos objetos comuns,

¹⁶ LÜTHI, Max. *So leben sie noch heute. Betrachtungen zum Volksmärchen*. Göttingen: Kleine Vandenhoeck-Reihe, 1969.

¹⁷ BROCH, Hermann. *Essays: Dichten und Erkennen*. Zurich: Rhein Verlag, 1997.

transformando-os em mágicos (“Spieglein” [“espelhinho”], “Tischlein” [“mesinha”], “Häuslein” ou “Häuschen” [“casinha”]); ou dos elementos da natureza (“Windchen” [“ventinho”]), entre outros. Em vários contos, o diminutivo expressa, por exemplo, o estado virginal de uma jovem, ainda não madura para o casamento (“A bela adormecida” – em alemão: “Dornröschen” [“Rosinha com espinho”]), ou “Rapunzel” (nome de uma espécie de salada selvagem, *Rapunze*), entre outras. É interessante notar que a alteração do uso oral do diminutivo para o não diminutivo (por exemplo, na comunicação com crianças pequenas e não letradas) leva a uma nova definição da interação, ou seja, as crianças da Educação Infantil, na ampliação de seu horizonte comunicativo, rejeitam a troca do uso oral do diminutivo para o normal como sendo inquietante e desagradável, uma vez que, para a criança, o diminutivo é a primeira forma morfológica adquirida ativamente e a criança parte do princípio de que para cada substantivo exista um diminutivo. Assim sendo, justifica-se o uso acentuado do diminutivo nos contos de fadas pelos Irmãos Grimm, uma vez que eram transmitidos oralmente e contados, principalmente, para crianças e em ambiente familiar.

Nos contos de fadas, a força de tocar o ser humano

As primeiras versões de seus *Contos de fadas infantis e domésticos* foram publicadas em 1812 e 1815, considerados seriamente como tais. Mas em 1819 Wilhelm Grimm deu-lhes “versões adequadas para crianças”, devido a alguns temas eróticos e/ou cruéis demais. Originalmente, os contos de fadas costumavam também ser contados com um pano de fundo religioso e vistos como forma artística séria. Lutz Röhrich diz, acertadamente, a esse respeito: “Se os contos de fadas não oferecessem modelos para a solução de problemas, eles não teriam tido essa força de penetração durante séculos, quiçá milênios. Pois só aquilo que é importante e toca o ser humano diretamente é transmitido, contado e narrado”.¹⁸

¹⁸ RÖHRICH, Lutz. Wechselwirkung zwischen Oraler und Literaler Tradierung. In: OBERFELD, Charlotte. *Wie alt sind unsere Märchen?* Marburg: Jonas Verlag, 1990.

Em 20 de dezembro de 1812 surgiu o primeiro volume da coletânea de contos de fadas, com 86 histórias. Em seu prefácio está escrito: “Estava mais do que na hora, talvez, de compilar esses contos de fadas, pois aqueles que deveriam preservá-los tornam-se cada vez mais raros”. Logo em seguida, em 1814, foi publicado o segundo volume, com 70 histórias. O sucesso deu-lhes razão: os contos de fadas dos Irmãos Grimm foram traduzidos para cento e sessenta idiomas e fazem parte dos livros mais conhecidos da herança cultural alemã e difundidos em todo o mundo, ao lado da tradução para o alemão da Bíblia por Martinho Lutero. Em 2005, os exemplares manuais dos *Contos infantis e domésticos*, publicados em Kassel, foram incluídos no Programa Memória do Mundo pela Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura).

Como descrevem os autores nos prefácios às edições subsequentes, muitas histórias foram sendo adicionadas e subtraídas, até a sétima edição, de 1857, totalizar 210 contos. Para esta publicação, Paulinas Editora selecionou cem “Contos infantis e domésticos” (*Grimms Märchen*), mais as dez “Lendas infantis” (*Kinderlegenden*) que compunham um anexo à segunda edição, de 1819.

O conto “A chave de ouro”, o último das edições realizadas pelos irmãos, foi por mim escolhido para abrir esta coletânea. A origem da expressão “fechar com chave de ouro”, usada para definir o remate feliz de um acontecimento, é um lugar-comum, mas esse lugar-comum é adequado para “abrir com chave de ouro” tudo aquilo que poderemos descobrir nesta “caixinha de surpresas” que é este livro que você tem em suas mãos.

Fonte consultada

LURKER, Manfred. *Dicionário de simbologia*. Trad. de Mario Krauss e Vera Barkow. São Paulo: Martins Fontes, 1997.



À senhora Bettina¹ von Arnim



Querida Bettine, este livro mais uma vez entra em sua casa assim como uma pomba que alçou voo busca novamente a terra natal e nela se aquece tranquilamente ao sol. Há vinte e cinco anos Arnim o colocou, encadernado em verde com borda dourada, em meio aos presentes de Natal. Ficamos felizes por ele o ter considerado tão merecedor e ele não nos poderia presentear com um agradecimento mais belo. Foi ele que, ao estar naquela época por algumas semanas em nossa casa em Kassel, nos estimulou a publicá-lo. Como ele participava de tudo o que demonstrasse vida singular: observava mesmo a coisa mais ínfima, como também sabia, de modo significativo e com habilidade especial, segurar e contemplar uma folha verde, uma flor do campo. Das nossas coleções estes contos eram os que ele mais apreciava. Ele acreditava que não deveríamos reter demais a publicação, pois na busca demasiada pela perfeição o assunto acaba ficando por fazer. “Tudo já está escrito de modo tão limpo e claro”, costumava acrescentar com benevolente ironia; é que nos traços ousados, não muito legíveis de sua mão, ele próprio não parecia se incomodar muito com uma escrita clara e legível. Andando pela sala para lá e para cá, lia as diversas folhas, enquanto um canário manso, com movimentos suaves das asas, mantinha o equilíbrio sentado em sua cabeça, em cujos cachos densos o pássaro parecia sentir-se muito confortável. Essa nobre cabeça descansa já há anos na sepultura, mas ainda hoje me comove a lembrança desse momento, como se eu o tivesse visto ontem pela última

¹ Também: Bettine (N.E.).

vez, como se ainda estivesse em pé, em terra verde, tal qual uma árvore que agita sua copa ao sol da manhã.

Suas crianças cresceram e não precisam mais dos contos de fadas. A Senhora dificilmente terá motivo para lê-los novamente; todavia, a inesgotável juventude de seu coração certamente aceitará de bom grado o nosso presente de amizade e amor leais.

Com essas palavras eu lhe enviei o livro há três anos de Göttingen; hoje eu o envio novamente à Senhora de minha terra natal, como o fiz quando da primeira vez. Da minha sala de trabalho em Göttingen eu conseguia ver só umas poucas tílias que Heyne² plantara atrás de sua casa e cujas copas sobressaíam por cima dos telhados, pois haviam crescido juntamente com a fama da universidade.³ Suas folhas estavam amareladas e prestes a cair quando, em 3 de outubro de 1838, saí de minha residência. Não acredito que torne a vê-las no esplendor de sua ornamentação primaveril. Fui obrigado a permanecer lá por algumas semanas ainda e fiquei na casa de um amigo, em contato com aqueles que eu aprendera a amar e que continuo amando. Quando parti de viagem, minha carruagem foi parada por um séquito: era a universidade, que seguia um cadáver. Já era escuro quando finalmente cheguei aqui e entrei na mesma casa que deixara sob frio congelante oito anos atrás: qual não foi a minha surpresa quando a vi, querida Bettine, sentada ao lado dos meus, prestando assistência e apoio à minha mulher doente. Desde esse tempo funesto que destruiu nossa vida calma a Senhora vem participando de nosso fado com lealdade e carinho, e sinto essa participação tão benéfica quanto o calor do céu azul, que neste momento olha para dentro de meu quarto; de onde vejo novamente o sol nascer pela manhã e completar seu trajeto por cima das montanhas, ao sopé das quais o rio flui resplandecente. O perfume das laranjas e das tílias no parque sobe até aqui, e sinto-me rejuvenescido em amor e ódio refrescantes. Posso desejar um tempo melhor do que este para novamente me ocupar com esses contos de fadas? Embora eu estivesse trabalhando no segundo volume, no ano de 1813, quando nós, irmãos, éramos acossados pelo

² Heinrich Heine (1797-1856) foi um dos mais notáveis poetas do Romantismo alemão. Estudou por certo tempo na Universidade de Göttingen (N.T.).

³ Universidade de Göttingen (*Georg-August-Universität Göttingen*) – Jacob e Wilhelm Grimm foram professores e bibliotecários nessa universidade. Por motivos políticos, os dois irmãos e mais cinco outros professores foram demitidos em 1837, Jacob sendo obrigado a sair do Reino de Hanover (N.T.).

aquartelamento, e soldados russos berravam no quarto ao lado, naquele tempo o sentimento de liberdade era o sopro primaveril que ampliava o peito e consumia toda a preocupação.

Desta feita, querida Bettine, posso entregar-lhe em mãos o livro que costumava vir da distância. A Senhora nos escolheu uma casa fora dos muros, onde, na beira da floresta, vem crescendo uma nova cidade, protegida pelas árvores, rodeada por grama verdejante, colinas de rosas e grinaldas, ainda fora do alcance do barulho matraqueador. Quando, no verão escaldante do ano passado, nas primeiras horas da manhã, ao passear à sombra dos carvalhos, o ar fresco aos poucos soltando a pressão de uma doença grave que pesava sobre mim, eu senti com gratidão como também nesse sentido a Senhora havia cuidado de nós. Não lhe trago uma das magníficas plantas que são cultivadas aqui no parque dos animais, nem peixes dourados da água escura, acima da qual se encontra a imagem sorridente do deus grego. Mas por que não lhe ofertar novamente estes botões inocentes, que brotam sempre da terra? Pois eu próprio a vi, parada diante de uma flor simples, olhando para seu cálice com o prazer da primeira juventude.

Berlim, primavera de 1843

Wilhelm Grimm



Prefácio dos autores



Quando uma colheita inteira é devastada por uma tempestade ou por outro infortúnio enviado pelo céu, acreditamos ser bom que junto a cercas-vivas baixas ou arbustos à margem do caminho um pequeno lugar tenha conseguido resistir e algumas hastes de trigo tenham ficado de pé. Quando o sol volta a brilhar, elas crescem solitárias e despercebidas; nenhuma foice rápida as corta para os grandes celeiros; mas, ao final do verão, ao se encontrarem maduras e cheias, vêm mãos pobres que as procuram e, lado a lado, hastes diligentemente amarradas e bem mais estimadas do que feixes completos são levadas para casa, e pelo inverno inteiro são alimento, talvez também a única semente para o futuro.

Foi essa a impressão que tivemos ao ver que nada restou de tantas coisas que floresceram no passado, a própria lembrança disso quase se perdeu, a não ser entre o povo: canções, alguns livros, lendas e esses contos domésticos inocentes. Os lugares junto ao fogo na sala, o fogão de lenha na cozinha, as escadas levando ao sótão, feriados ainda festejados, pastagens e florestas em seu silêncio, sobretudo a fantasia pura, foram as cercas que os asseguraram e os transmitiram de uma época, vindos de outra.

Estava mais do que na hora, talvez, de compilar esses contos, pois aqueles que deveriam preservá-los tornam-se cada vez mais raros. Sem dúvida, os que ainda os conhecem geralmente os conhecem bem, pois são os homens que morrem, não os contos que morrem para os homens. Todavia, o costume em si perde-se cada vez mais, assim como todos os lugares secretos em residências e jardins, que perduravam do avô ao

neto, estão cedendo à constante alternância de uma pompa vazia que se assemelha ao sorriso com que se fala desses contos domésticos, o qual parece elegante, mas custa pouco. Onde ainda estão presentes vivem de tal forma que não se pensa se são bons ou ruins, poéticos ou ao gosto de gente inteligente: nós os conhecemos e os amamos, pois assim os acolhemos e nos alegramos com eles sem qualquer razão para tanto, tão magnífico é o costume vivo; sim, também isso a poesia tem em comum com tudo o que é imortal, de tal sorte que a ela nos afeiçoamos, mesmo contra uma vontade diversa. Aliás, pode-se facilmente perceber que ela só se arraigou onde havia uma sensibilidade mais aguçada para a poesia ou uma fantasia ainda não extinta pelos desatinos da vida. Não desejamos, com intuito idêntico, enaltecer esses contos ou até defendê-los contra uma opinião contrária: sua simples existência basta para protegê-los. Aquilo que tantas e repetidamente alegrou, comoveu e ensinou traz em si sua necessidade e certamente provém daquela fonte eterna que orvalha toda a vida, mesmo que seja apenas uma única gota apanhada por uma pequena folha dobrada ela resplandece ao primeiro raio do amanhecer.

Por essa razão essas composições são permeadas daquela pureza, devido à qual as crianças nos parecem tão maravilhosas e bem-aventuradas: elas todas têm os mesmos olhos brilhantes e sem mácula¹ que não podem crescer mais, enquanto os outros membros ainda são delicados, fracos e desajeitados para o trabalho na terra. Tal a razão pela qual, através de nossa coleção, queríamos prestar não somente um serviço à história da poesia e da mitologia, mas é ao mesmo tempo nosso propósito que a própria poesia, que nela está viva, aja e torne alegre quem ela possa alegrar, ou seja, que sirva igualmente como um livro educativo. Para isso, não buscamos aquela pureza que possa ser alcançada através de uma acanhada eliminação daquilo relacionado a certas condições e situações que ocorrem diariamente e que não podem permanecer ocultas de nenhuma maneira; pureza essa que nos leva à ilusão de que aquilo que se pode executar em um livro impresso é possível fazer também na vida real. Nós buscamos a pureza na verdade de uma narrativa correta, que não contenha nada injusto nas entrelinhas. Assim, excluímos cuidadosamente desta nova edição toda e qualquer expressão não adequada para a infância. Se, mesmo assim, houver algo a objetar, que uma ou

¹ Que as crianças gostam de esfregar (*Gargântua*, de Fischart, 129b. 131b.), e que querem buscar.

outra coisa venha a embaraçar os pais e pareça-lhes indecente, de modo que não queiram dar o livro nas mãos de seus filhos, é possível que, em casos isolados, essa preocupação seja fundada. Nesse caso, facilmente podem fazer uma escolha; mas, no geral, ou seja, para uma condição saudável, ela é certamente infundada. Nada pode defender-nos melhor do que a própria natureza, que deixou crescer flores e folhas em determinada cor e forma; aqueles para quem não são salutareis, por necessidades especiais, não poderão exigir que por isso elas devessem ter matiz e corte diverso. Ou ainda: chuva e orvalho caem como um benefício para tudo o que se encontra na terra; quem não se atreve a expor neles as suas plantas, por serem sensíveis demais e poderem sofrer danos, preferindo regá-las dentro da sala, não poderá exigir que isso seja uma razão para deixar de existir chuva e orvalho. Contudo, tudo o que é natural pode frutificar, e é a isso que devemos aspirar. Aliás, não sabemos de nenhum livro saudável e forte, que tenha edificado o povo, colocando a Bíblia em primeiro lugar, onde não haveria tais preocupações em medida incalculavelmente maior. Todavia, o uso correto desses livros não produz nada maléfico; pelo contrário, como diz uma bela frase, eles são um testemunho de nosso coração. Crianças, sem temor, apontam o dedo para as estrelas, ao passo que outros, seguindo a crença popular, acreditam ofender os anjos com tal gesto.

Coletamos esses contos por aproximadamente treze anos; o primeiro volume, que saiu no ano de 1812, continha em sua maioria aquilo que recolhêramos pouco a pouco de tradições orais, em Hessen, nas regiões dos rios Reno e Kinzig do condado de Hanau, local de nossa origem. O segundo volume foi finalizado no ano de 1814 e foi realizado mais rápido, em parte porque o próprio livro conseguiu o apoio de amigos que certamente viram o que se tinha em mente; em parte porque a sorte nos favoreceu, embora parecesse acaso, mas em geral ela ampara colecionadores perseverantes e diligentes. Quando nos acostumamos a prestar atenção nessas coisas, elas vêm ao nosso encontro com muito mais frequência do que acreditamos; de mais a mais, é bem esse o caso quando se trata de usos e particularidades, ditos proverbiais e anedotas populares. Os belos contos em baixo-alemão do principado de Münster e de Paderborn nós os devemos à bondade e amizade especiais; a confiabilidade do dialeto aliada à integridade interna mostra-se aqui especialmente favorecida. Lá, nas antigas e famosas regiões da liberdade alemã,

em algumas localidades as lendas e os contos mantiveram-se como uma diversão usual dos dias de festa, e a terra ainda é rica em costumes e canções tradicionais. Lá, onde em parte a escrita ainda não perturba por causa da introdução do estrangeiro ou se debilita por sobrecarga, em parte porque assegura que à memória não seja permitido tornar-se negligente; especialmente entre povos cuja literatura é insignificante, a tradição, como substituição, costuma mostrar-se mais forte e mais transparente. Assim, também a Baixa Saxônia parece ter preservado muito mais do que todas as outras regiões o fizeram. Que coletânea bem mais completa e internamente mais rica não teria sido possível na Alemanha no século XV ou, ainda, no século XVI, nos tempos de Hans Sachs e Fischart!²

Todavia, por um desses acasos felizes, pudemos conhecer na aldeia de Niederzwehn, perto de Kassel, uma camponesa, a qual nos narrou a maioria e os mais belos contos do segundo volume. A Sra. Viehmann era ainda vigorosa, não muito acima dos cinquenta anos. Seus traços tinham algo sólido, compreensivo e agradável, e seus olhos grandes nos observavam penetrantes e com agudeza.³ Ela mantinha muito vivas em sua memória as antigas lendas e dizia que esse dom não era concedido de qualquer um e que alguns não conseguiam guardar nada coerentemente. Ela narrava com cuidado, segurança e extraordinária vivacidade, prazerosamente; primeiramente bem livre; quando pedíamos, repetia com vagar, de maneira que, após um pouco de prática, podíamos anotar o que havia contado. Várias coisas, dessa forma, foram mantidas literalmente e não poderão ser negadas em sua verdade. Quem acredita em leve adulteração da tradição, negligência na conservação e por isso na impossibilidade de duração prolongada como regra, deveria ter ouvido com que exatidão ela se atinha à sua narração e era zelosa em

² É estranho que entre os gauleses não era permitido anotar os cantos tradicionais, embora se servissem da escrita para todos os outros assuntos. Júlio César, que comenta isso (*De Bello Gallico* VI.4.), acredita que dessa forma pretendia-se evitar que, ao confiar na escrita, se tornassem levianos no aprendizado e na memorização das canções. Também Tamuz mostra a Thoth (no *Fedro*, de Platão), na invenção das letras, a desvantagem que a escrita teria no desenvolvimento da memória.

³ Nosso irmão Ludwig Grimm fez dela uma gravura bastante semelhante e natural, que se encontra na coletânea de suas folhas (em Wegel, Leipzig). Devido à guerra, a boa mulher caiu na miséria e na desgraça, que pessoas caridosas conseguiram mitigar, mas não eliminar. O pai de seus muitos netos morreu de febre tifoide, os órfãos trouxeram doença e enorme penúria para seu já pobre casebre. Ela pegou tuberculose e morreu em 17 de novembro de 1816.

sua precisão; quando repetia, nunca alterava algo no enredo e melhorava imediatamente um equívoco assim que o percebia, ainda enquanto contava. O apego ao tradicional em pessoas que vivem em hábitos imutáveis é mais forte do que nós, que tendemos a mudanças, possamos compreender. É por essa justa razão que, como se conseguiu comprovar reiteradamente, o tradicional apresenta certa proximidade penetrante e capacidade interna que outras coisas, que externamente possam parecer muito mais resplandescentes, não atingem facilmente. A base épica da poesia popular é similar ao verde, estendido por toda a natureza em variados tons, que sacia e suaviza sem nunca cansar.

Além dos contos do segundo volume, recebemos também diversos aditamentos ao primeiro e melhores narrativas de muitas ali fornecidas, igualmente daquelas ou de outras fontes similares. Hessen, uma região montanhosa, distante de grandes estradas do exército e dedicada principalmente à agricultura, tem a vantagem de mais bem poder preservar velhos costumes e tradições. Certa seriedade, uma mentalidade sadia, capaz e valente, que não deixará de ser notada pela História, mesmo a figura alta e bela dos homens nas regiões que foram a terra natal dos Catos⁴ está preservada. A falta de comodidade e elegância facilmente perceptível, quando chegamos de outras localidades, como, por exemplo, da Saxônia, pode antes ser considerada um ganho. Então, podemos perceber também que os lugares mais rústicos, mas frequentemente excelentes e magníficos, e certa severidade e escassez no modo de vida fazem parte do todo. No geral, os nativos de Hessen devem ser contados junto aos povos de nossa pátria que mais conseguiram manter os antigos domicílios e preservar as peculiaridades de seu modo de ser ao longo das mudanças ocorridas no tempo.

O que até agora logramos obter para a nossa coletânea quisemos incorporar ao livro nesta segunda edição. Por isso, o primeiro volume foi retrabalhado quase em sua totalidade, o inacabado completado, um e outro conto narrado de modo mais simples e mais puro, e não serão poucas as peças que apresentarão uma configuração melhor. Foi examinado mais uma vez tudo o que parecia suspeito, ou seja, o que poderia

⁴ Os Catos (*Chatten*, em alemão) eram uma tribo germânica que vivia na região de Hessen, na época do domínio romano, e mencionada pelo historiador Tácito (58-120 d.C.) em sua obra *Germania (De origine et situ Germanorum liber [Geografia e cultura dos povos germânicos])* (N.T.).

ter origem estrangeira ou ter sido adulterado por meio de acréscimos, e então eliminado. Em seu lugar entraram novos contos, entre os quais contamos também com colaborações da Áustria e da Boêmia alemã, de modo que se encontrarão alguns textos até agora desconhecidos. Anteriormente, dispúnhamos de um espaço restrito para as observações; com a ampliação do livro, conseguimos determinar um terceiro volume próprio para elas. Isso tornou possível apresentar não apenas aquilo que antes tivéramos de suprimir com desgosto, como também oferecer novas partes, as quais, esperamos, possam mostrar com clareza ainda maior o valor científico dessas tradições.

No que se refere à maneira como fizemos a coleta, interessava-nos acima de tudo fidelidade e verdade. Por meios próprios nós nada acrescentamos, não embelezamos qualquer traço ou situação da lenda, apenas reproduzimos seu conteúdo como o havíamos recepcionado. Evidentemente, a expressão e a execução de cada conto individual são em grande parte de nossa lavra; mas toda e qualquer peculiaridade que percebíamos procuramos manter, para também nesse sentido deixar à coletânea a variedade da natureza. Aliás, todo aquele que se ocupa com um trabalho similar entenderá que não se poderá chamar isso de uma concepção descuidada e desatenta; pelo contrário, é necessário cuidado e um ritmo que só se adquire com o tempo, a fim de distinguir o mais simples, o mais puro, mas em si perfeito, daquilo que foi adulterado. Muitas narrativas, tão logo se completavam e não havia contradições a serem cortadas para uni-las, nós as apresentamos como uma só; contudo, quando divergiam e cada uma apresentava seus próprios traços característicos, dávamos à melhor a preferência e guardávamos as outras para as observações. Ocorre que essas versões divergentes pareciam a nós mais dignas de nota do que para aqueles que nisso viam tão somente modificações e distorções de uma imagem primeva existente em tempos antigos; pelo contrário, talvez sejam apenas tentativas de aproximar-se por caminhos variados dessa imagem inesgotável que vive apenas no espírito. As repetições de determinadas frases, traços e introduções devem ser vistas como linhas épicas que, tão logo o som que as toca se move, retornam sempre, não devendo ser entendidas em outro sentido.

Mantivemos prazerosamente um dialeto decisivo. Se pudesse acontecer com todos os contos, com certeza a narrativa teria ganhado com isso. Trata-se aqui de um fato quando a formação, a delicadeza e a arte

da língua são destruídas e sentimos que uma linguagem escrita purificada – por mais elegante que possa ser em todo o resto, mais clara e mais transparente – tornou-se mais insípida e não se agrega mais com tanta firmeza ao âmago. É uma pena que o dialeto da região norte de Hessen, nas proximidades de Kassel, seja uma mistura indeterminada e não compreensível do dialeto da Baixa Saxônia com o alto-alemão.

Nesse sentido, até onde sabemos, não existem outras coletâneas de contos de fadas na Alemanha. Ou foram poucos os que foram recebidos por acaso, ou foram vistos apenas como matéria-prima para formar narrativas maiores. Somos totalmente contrários a esse tipo de trabalho. Embora seja indiscutível que em todo sentimento vivo de poesia existam educação e treinamento poéticos, sem o que mesmo algo tradicional seria infrutífero e morto, tal fato nada mais é que outra razão para cada região narrar de acordo com sua particularidade, cada boca de maneira diferente. Contudo, há uma grande diferença entre a simplicidade meio inconsciente, semelhante ao silencioso crescimento das plantas e nutrida diretamente pela fonte da vida, e uma alteração deliberada que tudo cola e conecta arbitrariamente. É exatamente a isso que não podemos dar nossa aprovação. Nesse caso, a única diretriz seria a visão predominante do poeta, dependendo de sua educação, enquanto nesse desenvolvimento natural o espírito do povo prevalece no indivíduo e não permite que um desejo particular penetre. Se concedermos valor científico às tradições, quer dizer, se admitirmos que nelas se mantenham concepções e formações de tempos remotos, é evidente que esse valor quase sempre é destruído por tais tipos de trabalhos. A poesia nada ganha com isso, pois onde é que ela vive se não lá onde atinge a alma, onde de fato refresca e ameniza ou aquece e fortifica? Mas todo e qualquer trabalho nessas lendas que lhes tira sua simplicidade, inocência e singela pureza, arranca-as do círculo ao qual pertencem e no qual são incessantemente e sem enfado muito procuradas. Na melhor das hipóteses, e talvez seja esse o caso, é possível que se aglutine fineza, espírito, especialmente humor – que também introduz o ridículo da época –, que haja certo colorido do sentimento, que não é difícil a uma formação nutrida pela poesia de todos os povos. Mas essa dádiva tem certamente mais lustro que utilidade, ela considera a audição ou a leitura uma única vez, a que nosso tempo se habituou, e, portanto, coleta e aguça os estímulos. Todavia, na repetição, o humor nos cansa, e o duradouro é algo calmo, silencioso e

puro. A mão treinada de tais “retrabalhos” se assemelha àquela infeliz mão dotada que transformava em ouro tudo o que tocava – mesmo os alimentos – e que no meio da riqueza não consegue saciar-nos. Há até trabalhos tais que, dada a simples imaginação, pensa-se em colocar a mitologia com as suas imagens: quão despido, internamente vazio e sem forma tudo, então, parece, apesar das melhores e mais fortes palavras! Aliás, dizemos isso somente contra aqueles trabalhos que tentam embelezar e tornar poeticamente mais bem adornados os contos, não contra uma interpretação livre deles, tornando-os textos próprios, pertencentes a este tempo; pois quem desejaria colocar limites na poesia?

Entregamos este livro em mãos benevolentes, pensando na força da bênção que nelas reside, e desejamos que, àqueles que invejam estas migalhas da poesia aos pobres e modestos, ele permaneça totalmente oculto.

Kassel, 31 de julho de 1819.

Por meio de um bom número de novos contos de fadas, acrescentados à segunda parte, entre os quais alguns se sobressaem em dialeto suíço, nossa coletânea voltou a crescer na presente terceira edição e, tanto quanto possível, aproximou-se mais da perfeição. Além disso, muitos dos textos anteriores sofreram correção e foram completados e enriquecidos por meio de acréscimos, e alguns ganharam traços de narrativas orais.

A terceira parte, cujo conteúdo se refere basicamente ao uso científico da coletânea e, por essa razão, só pôde encontrar acesso em um círculo bem mais reduzido, desta vez não foi impressa, pois dela há ainda exemplares disponíveis na Livraria Reimer, em Berlim. Na sequência, esta terceira parte deverá ser publicada como uma obra isolada, na qual as introduções colocadas na edição anterior sobre a essência dos contos de fadas e dos costumes infantis deverão encontrar um lugar.

A interpretação fiel da tradição, a expressão não rebuscada e, se não parecer falta de modéstia, a riqueza e a variedade da coletânea concederam-lhe entre nós participação contínua e apreço no exterior. Entre as

várias traduções, a inglesa merece a preferência como a mais completa e porque linguisticamente há o maior parentesco entre ambos os idiomas.⁵ Uma seleção em uma edição menor, que leva em consideração também as ponderações daqueles que não julgam adequados para crianças todos os textos da coletânea maior, realizamos primeiramente em 1825; ela foi reeditada em 1833 e em 1836.

O valor científico dessas tradições se comprovou na analogia com antigas lendas dos deuses, algumas surpreendentes; não foi raro o ensejo de a mitologia alemã referir-se a isso ao encontrar uma prova da conexão original na conformidade com os mitos nórdicos.

Se o agrado por este livro perdurar, não faltará zelo contínuo de nossa parte.

Göttingen, 15 de maio de 1837.

Deixou-nos alegres o fato de que, entre os novos contos que ampliaram mais uma vez a coletânea, encontre-se outra vez um de nossa terra

⁵ Depois de Francis Cohen ter anunciado com detalhes a edição mais antiga no *Quarterly Review* (maio de 1810), surgiu, após a segunda edição, uma tradução de Edgar Taylor em duas partes, com estampas brilhantes de Cruikshank (*German popular stories*, London, 1823 e 1826), com nova edição em 1839. Outra seleção com gravuras de Richard Doyle foi apresentada por John Edward Taylor (*The fairy ring, a new collection of popular tales translated from the german of Jacob and Wilhelm Grimm*, London, 1846). Além disso, *Grimms Householdstories*, newly translated with illustrations by Wehnert, 2 voll., London, 1856-1858. Um conto único, *The charmed Roe or the little brother and little sister*, illustrated by Otto Speckter, London, 1847 – as gravuras são muito bonitas. Uma publicação holandesa (*Sprookjesboek vor Rinderen*, Amsterdam, 1820) continha um conto, assim como uma dinamarquesa de Hegermann-Lindencrone (*Börne Eventyr*, Kopenhagen, 1820 ou 1821). Também em *Dansk Laesebog for Tydske*, af Frederik Bresemann, segunda edição, 1843, p. 123-133, encontram-se três contos traduzidos por J. F. Lindencrone. Öhlenschläger traduziu contos isolados, uma quantidade maior foi traduzida por C. Molbech (*Julegave for Born*, 1835-1839, e *Udvalgte Eventyr og Fortællingar*, Kopenhagen, 1843). Vários contos podem ser encontrados em *Reuterdahls Julläsning för barn*, traduzidos para o sueco. O *Journal de Débats*, de 4 de agosto de 1832, contém exposições inteligentes sobre o livro e, como exemplo, uma tradução do conto sobre o “Henrique de ferro”. Além disso, o jornal de 1º de janeiro de 1834 traz um fragmento do “Machandelbaum” [“O pé de zimbro”]; posteriormente (Paris, 1836), saem *Contes choisis de Grimm*, traduits par F. C. Gérard, com ilustrações. Por fim, no ano de 1846, *Contes de la famille par les frères Grimm*, traduits de l’allemand par N. Martin et Pitre-Chevalier (Paris, sem indicação do ano), com uma biografia digna de conto de fadas.

natal. O belo conto de fadas “A duração da vida” foi contado por um camponês de Zwehrn a um de meus amigos, quando com ele entabulou uma conversa a céu aberto. Pode-se ver que a sabedoria nas ruas ainda não pereceu totalmente.

Kassel, 17 de setembro de 1840.

Esta quinta edição contém, mais uma vez, uma considerável quantidade de novos contos de fadas; outros foram refeitos ou complementados segundo transmissão mais perfeita. Desde a primeira publicação da coletânea foram adicionados paulatinamente mais de cinquenta contos. A grande e talentosa água-forte da “Bela Adormecida”, que Neureuther (Munique, 1836) fez de sua imaginação, demonstra a influência dessas narrativas sobre as belas-artes. Vimos também gravuras bem-comportadas de “Chapeuzinho Vermelho”. Merecem igualmente menção os graciosos desenhos de Franz Pocci para diversos contos de fadas; eles foram publicados em Munique: “Branca de Neve” em 1837, “João e Maria” em 1838, “O judeu entre os espinhos” – sob o título “O divertido conto do pequeno Frieder” – em 1839 e, por fim, “A história do jovem em busca de saber o que é o medo”, sem indicação do ano. Nossa edição pequena foi editada novamente em 1839 e 1841.

Berlim, 4 de abril de 1843.

Também a sexta edição cresceu por acréscimo de novos contos de fadas e foi melhorada ou completada em casos isolados. Estive continuamente empenhado em inscrever ditos e expressões idiomáticas características do povo que escuto sempre, e quero mostrar um exemplo, que necessita também de uma explicação: o homem do campo, quando deseja expressar sua satisfação por alguma coisa, diz “isso devo louvar por cima do trevo verde”, usando a imagem do campo do trevo verdejante,

fresco e densamente coberto, cuja visão alegra seu coração. Já antigos poetas alemães o enalteciam nesse sentido (MS Hag, 2, 66b. 94b).

Erdmansdorf, Silésia, 30 de setembro de 1850.

Um conto de fadas do século XV foi acrescentado na sétima edição, e mais três outros, colhidos na tradição viva, substituem alguns excluídos, os quais, como comprovado na nova edição do terceiro volume, haviam surgido em solo estrangeiro. Lá, a visão geral da bibliografia, que sempre seguia aqui, encontrou um lugar adequado.

Berlim, 23 de maio de 1857.



CONTOS INFANTIS
E DOMÉSTICOS

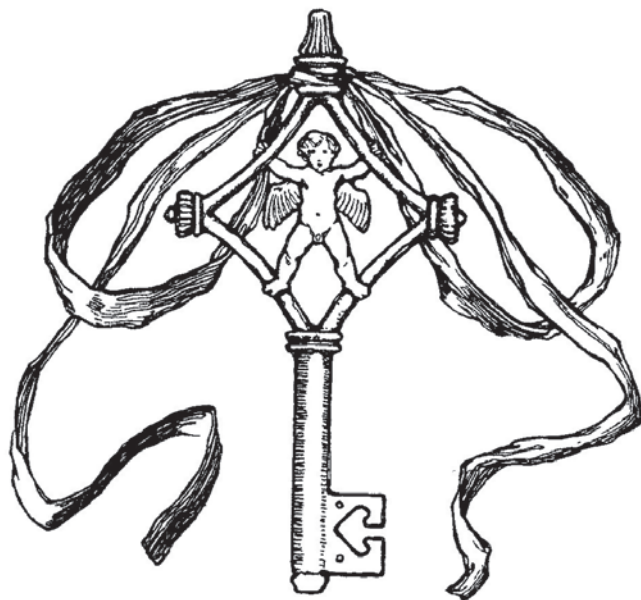


A chave de ouro



erta vez, quando a neve estava muito alta durante um inverno, um menino pobre precisou sair de casa e buscar lenha em um trenó. Depois que terminou de juntá-la e a empilhou, não quis ir logo para casa, pois estava com muito frio, e resolveu acender um fogo, para se aquecer um pouco. Assim, afastou a neve e, ao limpar o chão, achou uma pequena chave de ouro. Então pensou que onde havia uma chave também deveria haver a fechadura para ela, cavou a terra e encontrou uma caixinha de ferro. “Tomara que a chave sirva!”, pensou. “Com certeza há coisas preciosas na caixinha.” Procurou, mas não havia nenhum buraco de fechadura; finalmente

descobriu um, mas tão pequenino que mal dava para ver. Ele tentou, e a chave serviu direitinho. Então girou uma vez, e agora nós precisamos esperar até que ele tenha girado a chave completamente e aberto a tampa: só assim ficaremos sabendo que coisas maravilhosas se encontram na caixinha.



O rei sapo ou o Henrique de ferro



Nos tempos antigos, quando fazer desejos ainda funcionava, vivia um rei cujas filhas eram todas belas, mas a mais nova era tão bela que o próprio Sol, que já vira tanta coisa, se admirava todas as vezes que lhe iluminava o rosto. Perto do castelo do rei ficava uma grande floresta escura, e na floresta, debaixo de uma tília antiga, havia um poço. Então, quando o dia estava bem quente, a princesa saía para a floresta e sentava-se à beira do poço de águas frescas. Quando se entediava, pegava uma bola de ouro, jogava-a para cima e pegava-a no ar. Era seu brinquedo favorito.

Entretanto, numa das vezes a bola de ouro da filha do rei não caiu em sua mãozinha que havia esticado para o alto; a bola passou por ela, bateu no solo e rolou diretamente para a água. A princesa acompanhou

a bola com os olhos, e a bola sumiu, e o poço era tão profundo, mas tão profundo, que não se via o chão. Então ela começou a chorar, chorava cada vez mais alto e não conseguia consolar-se. Enquanto lamentava assim, alguém lhe disse: “Que é que tu queres,¹ filha do rei, gritas tanto que até uma pedra se compadeceria”. Ela se virou para ver de onde vinha a voz e viu um sapo que esticava sua cabeça feia e gorda para fora da água. “Ah, és tu, velho respingador de água”, disse ela, “eu choro pela minha bola de ouro que caiu dentro do poço.” “Fica quieta e não chora”, respondeu o sapo. “Posso ajudar-te, mas que é que tu me dás se eu trouxer teu brinquedo para cima?” “O que quiseres, querido sapo”, ela disse, “meus vestidos, minhas pérolas e pedras preciosas, e também a coroa de ouro que uso.” O sapo respondeu: “Teus trajes, tuas pérolas e pedras preciosas e tua coroa de ouro eu não quero. Mas se tu quiseres me amar, e se eu puder ser teu amigo e companheiro de folguedos, sentar à tua mesa a teu lado, comer em teu pratinho de ouro, beber de tua tacinha, dormir em tua caminha; se tu me prometeres isso, então descerei e trarei de volta para ti a tua bola de ouro”. “Oh, sim”, disse ela, “eu te prometo tudo o que quiseres se fores buscar minha bola.” Mas a princesa pensava: “Esse sapo simplório fica tagarelando, fica sentado na água junto aos seus e coaxa e não pode ser companheiro de um ser humano”.



¹ Em todos os contos aqui traduzidos foi mantido o uso da segunda pessoa (tu/vós), correspondendo à segunda pessoa do alemão (du/ihr), uma vez que o pronome de tratamento você(s) não existe em alemão (N.T.).

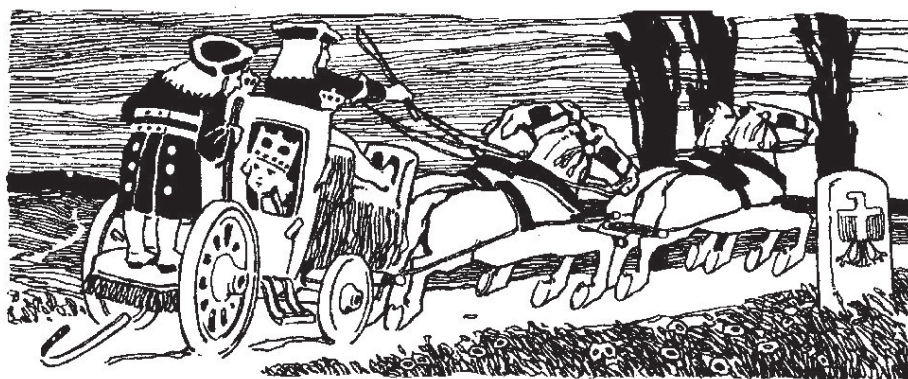
O sapo, depois de receber a promessa, mergulhou sua cabeça, afundou e, após um tempinho, veio nadando para cima com a bola na boca, e a jogou no capim. A filha do rei se encheu de alegria ao ver novamente seu belo brinquedo, ergueu-o e saiu correndo com ele. “Espera, espera”, gritou o sapo, “leva-me contigo, não sei correr como tu.” Mas de que lhe adiantava ficar soltando seu “coach, coach” tão alto quanto podia atrás dela! Ela não lhe deu atenção, correu para casa e logo tinha esquecido o pobre sapo, que se viu obrigado a voltar para seu poço.

No dia seguinte, quando ela se havia sentado à mesa com o rei e toda a corte e comia no seu pratinho de ouro, algo veio “splich, splach, splich, splach” subindo a escadaria de mármore; ao chegar ao alto, bateu à porta e chamou: “Filha do rei, a mais nova, abre-me a porta!”. Ela correu para ver quem estaria lá fora e, quando abriu a porta, o sapo estava sentado lá. Então bateu a porta e sentou-se novamente à mesa, muito assustada. O rei percebeu que seu coração batia violentamente e disse: “Minha criança, de que tens medo, por acaso um gigante está à porta e quer levar-te?”. “Oh, não”, ela respondeu, “não é um gigante, mas um sapo horroroso!” “Que é que o sapo quer de ti?” “Ah, querido pai, ontem, quando eu estava sentada perto do poço na floresta e brincava, minha bola de ouro caiu na água. Como eu chorava muito, o sapo a buscou e exigiu de mim que eu lhe promettesse que ele seria meu companheiro, mas nunca imaginei que ele conseguiria sair de sua água. Agora está lá fora e quer entrar e ficar comigo.” Nisso o sapo bateu mais uma vez na porta e chamou:

“Filha do rei, a mais nova,
abre-me a porta,
não lembras o que ontem
me disseste,
junto à água fria do poço?
Filha do rei, a mais nova,
abre-me a porta”.

O rei, então, disse: “O que prometeste deves cumprir; vá e abre-lhe a porta”. Ela foi abrir a porta e o sapo pulou para dentro, seguindo-a passo a passo até sua cadeira. Lá ficou sentado e exclamou: “Sobe-me

para junto de ti”. Ela ficou relutante, até que finalmente o rei a obrigou a fazê-lo. Estando na cadeira, o sapo quis subir na mesa, e sentado nela disse: “Empurra teu pratinho de ouro para mais perto de mim, para que possamos comer juntos”. Ela o fez, mas via-se que ela o fazia a contragosto. O sapo comia com apetite, mas ela quase engasgava a cada mordidinha. Finalmente, o sapo disse: “Eu comi até me satisfazer e estou cansado, agora me leva para teu quartinho e ajeita tua caminha de seda, lá iremos deitar-nos para dormir”. A filha do rei começou a chorar e tinha medo do sapo frio, que ela não ousava tocar e que agora deveria dormir em sua bela caminha limpa. Mas o rei ficou irado e disse: “Não debes desprezar aquele que te ajudou quando tinhas problemas”. Então, com dois dedos ela pegou o sapo, levou-o para cima e colocou-o em um canto. Mas, quando ela estava deitada na cama, ele se arrastou para junto dela e disse: “Estou cansado e quero dormir tão bem quanto tu: erga-me, ou conto a teu pai”. Ela ficou furiosa, ergueu-o e atirou-o com toda a força contra a parede: “Agora tu darás sossego, sapo horrível”.



Mas, ao cair, ele não era um sapo, e sim um príncipe com belos olhos bondosos. Ele era, então, pela vontade de seu pai, seu companheiro e esposo. Ele lhe contou que havia sido enfeitado por uma bruxa má e que ninguém conseguiria salvá-lo do poço a não ser ela, e no dia seguinte iriam viajar juntos para o seu reino. Então adormeceram, e na manhã seguinte, quando o sol os despertou, veio uma carruagem com oito cavalos brancos atrelados a ela, com plumas brancas de avestruz na cabeça e encilhados com correntes de ouro, e de pé, na parte de trás da carruagem, encontrava-se o criado do jovem rei, o fiel Henrique. O fiel Henrique ficara tão desolado, quando seu senhor fora transformado em

um sapo, que mandara colocar três fitas de ferro em torno de seu coração para que este não se arrebetasse de sofrimento e tristeza. A carruagem deveria buscar o jovem rei e levá-lo a seu reino; o fiel Henrique ajudou-os a entrar e subiu atrás novamente, cheio de alegria pela libertação. Tendo feito uma parte do caminho, o filho do rei² ouviu que algo estalava atrás dele, como se tivesse quebrado. Então se virou e exclamou: “Henrique, a carruagem está quebrando!”.

“Não, senhor, a carruagem não,
é uma das fitas do meu coração,
que se encontrava desolado
quando estáveis no poço sentado
e éreis um sapo então.”

Mais uma vez e uma vez mais se ouviram os estalos pelo caminho, e o filho do rei sempre pensava que a carruagem estivesse quebrando, mas eram apenas as fitas de ferro que saltavam do coração do fiel Henrique, porque seu amo fora libertado e estava feliz.

² Nos contos de fadas dos Irmãos Grimm, a palavra “príncipe” é uma figura extremamente rara, pois neles os príncipes são chamados de “filho do rei” ou “filho de (um) rei”. O mesmo se dá com as princesas, chamadas de “filha do rei” ou “filha de (um) rei”. (N.T.)